



EXPEDIÇÃO AO CONE SUL

1. ENTRANDO NO PARAGUAI

Uma viagem sempre começa muito antes de colocarmos o ‘pé na estrada’, seja qualquer o modo de transporte adotado, o período dela ou sua motivação. Se for uma viagem de lazer, começa pelo desejo de dar um *break*, promover alguma descontinuidade, pois, mesmo vivendo num mundo em que os grandes *scripts* estejam totalmente fora de moda e tudo seja tão fugaz, os cortes sempre fazem bem e abrigam alguma promessa do novo.

Para expressar nosso sentimento sobre o tempo e a importância de *breaks*, nada melhor que Carlos Drumond de Andrade:

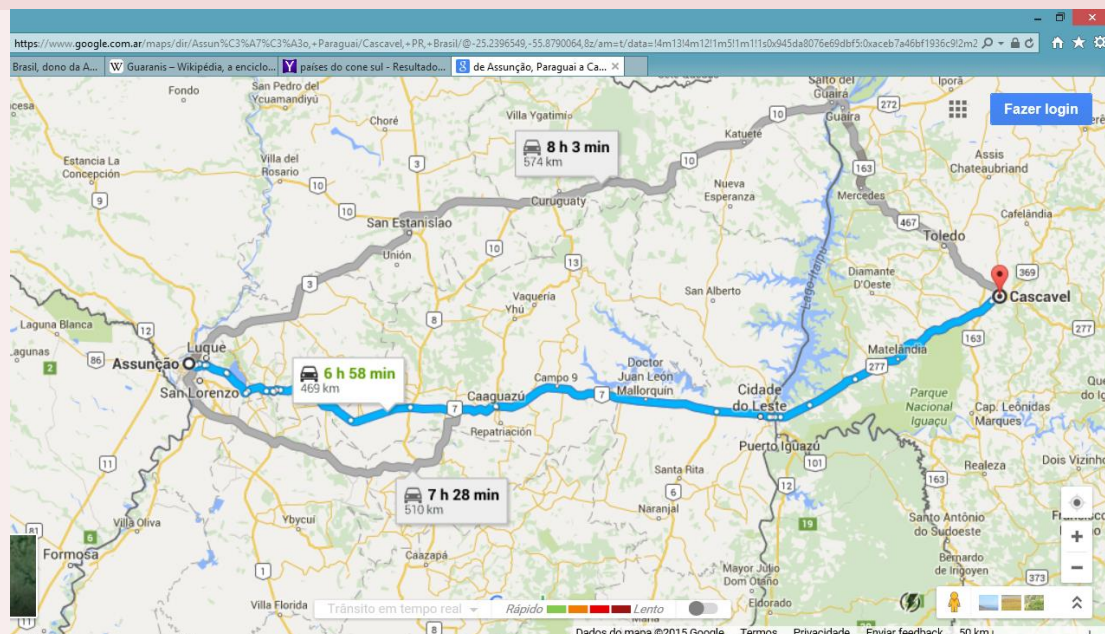
Quem teve a ideia de cortar o tempo em fatias, a que se deu o nome de ano,
foi um indivíduo genial.
Industrializou a esperança, fazendo-a funcionar no limite da exaustão.
Doze meses dão para qualquer ser humano se cansar e entregar os pontos.
Aí entra o milagre da renovação e tudo começa outra vez, com outro número
e outra vontade de acreditar que daqui para diante tudo vai ser diferente.

Nossa forma de dar um *break* neste finalzinho de 2015 e janeiro de 2016 foi revisitar lugares já conhecidos e ir pela primeira vez em outros, neste território que geopoliticamente se reconhece como Cone Sul, ainda que nosso circuito deixe de fora o Chile que, como Paraguai, Argentina e Uruguai também faz parte deste agrupamento.

Como o percurso por estrada será longo, sinto-me como um geógrafo do século XIX (não havia geógrafas neste tempo), explorando espaços desconhecidos e fazendo comparações, no tempo, em relação àqueles pelos quais eu já passei. Assim, embora minha viagem não tenha nada de desbravamento, tampouco caráter científico e seja feita com todo o conforto do começo das primeiras décadas do século XXI (e viva o GPS e o Google!), dou-me ao direito de batizá-la, pomposamente, de EXPEDIÇÃO AO CONE SUL.

Vamos a alguns relatos sobre esta experiência...

Embora moremos em Presidente Prudente, no Estado de São Paulo, sentimos que estávamos em viagem de férias, apenas no segundo dia, quando fizemos o trecho Cascavel a Assunção, capital do Paraguai, percorrendo quase 470 km.



Como este percurso incluiu cruzar a fronteira Brasil – Paraguai, ele não poderia deixar de ser cheio de acontecimentos.

Há um tempo, quando trabalhava no Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD) coordenando a área de Geografia, a equipe de avaliadores deparou-se com um livro que tinha um texto, intitulado *“Paraguai, um vizinho incômodo”* e ficamos muito na dúvida se seria o caso de desclassificar a obra por ela induzir a estereótipos ou preconceitos, que era um dos critérios arrolados como capazes de excluir obras do processo seletivo.

Consultamos o Ministério da Educação, responsável pelo trabalho de avaliação que, ficando na dúvida resolveu ouvir a opinião do Itamaraty. A chancelaria brasileira, lendo o texto, concluiu que não era o caso de exclusão da obra, em razão deste texto de uma página, afinal, segundo o parecer deles, o conteúdo versando sobre o comércio e a falta de legalidade em várias ações que ocorrem neste país não era inverídico, muito ao contrário! Será que nós, Brasil, somos tão melhores? Não sei, mas fato é que já se entra no país com medo de que alguma trambicagem possa ocorrer.

Nem havíamos atravessado a Ponte da Amizade, que separa e une Foz do Iguaçu, no Brasil, a Ciudad del Este, no Paraguai, estando nós ainda no espaço aduaneiro deste país, uma horda de jovens e outros não tão jovens se ofereciam para nos levar a alguma das melhores *tiendas* da cidade, que agora está grande e verticalizada, muito maior que quando a conheci no ano de 1978.

Passamos a velocidade baixa (ou corríamos o perigo de atropelar algum deles que se jogavam na frente do carro), explicando que não viemos às compras, mas sim para viajar a Assunção, até que um deles, de camiseta verde, ofereceu-se para nos ajudar a chegar até o escritório onde obteríamos o visto de entrada, serviço pelo qual não cobraria nada e para o qual montou numa motocicleta dirigida por outro jovem, caindo aos pedaços (não o jovem, mas a motocicleta), e nos guiou pelo labirinto das ruas secundárias da loucura comercial que é esta cidade.



Ele ia descendo da moto, a cada 200 metros, reforçando que não cobraria nada e que seria muito fácil, para nós, chegarmos ao lugar certo, se estivéssemos com ele... até que paramos num estacionamento público a 100 metros do guichê por onde já havíamos passado na aduana e perto do qual a 20 metros havia o estacionamento dedicado aos que não são capturados pela conversa de um jovem de camiseta verde.

Sabendo bem que não há nada de graça, em que pese não termos contratado os serviços tão prestimosos do jovem, oferecemos 10 reais e ele começou a alterar o tom de voz, dizendo que deveríamos pagar 30, afinal ele teria que passar uma parte ao guarda do estacionamento que nos deixou parar ali, mesmo não havendo qualquer guarda por perto... Conseguimos entrar no carro, enquanto ele bravo, informava que era paraguaio, num tom de ameaça. Mais uma vez constatamos que estávamos num território do “cada um se vira como pode” e não há como reclamar de nada.

Mal andamos 30 km e uma autoridade da *patrulla caminera* nos parou, pediu os documentos e informou que devíamos estar com o farol aceso (não apenas a lanterna) ainda que o sol fosse o das 11 horas da manhã. Esta contravenção nos custaria 300 reais de multa a ser paga ali mesmo, mas ele nos concedeu a gentileza de deixar continuar a viagem por 50 reais, passando do tom sério de voz ao simpático, proferindo a frase *Muy amable*, assim que a grana estava em sua mão.

E, assim, passamos pelos 300 e poucos quilômetros paraguaios, por 15 postos desta polícia, que tivemos a paciência de contar um a um, sempre temendo sermos parados novamente e o fomos, mais uma vez, mas ainda bem que, desta feita, sem tentativa de extorsão.

O Paraguai que encontramos agora é diferente do que havíamos guardado na memória, desde que fizemos este mesmo trecho no final do ano de 1982. Parece um paradoxo, porque este país consegue ser, ao mesmo tempo, melhor e pior. Melhor, porque já não vemos gente esquelética e mal nutrida como tinham ficado registradas, em minha lembrança, algumas faces indígenas que vi, há três décadas, ao longo da rodovia. Pior, porque a cultura ocidental com suas embalagens descartáveis e seus *out doors*, impossíveis de não serem vistos, invadem a paisagem de tal modo que fico procurando abstraí-los para ver se enxergo as colinas, os vales, a agricultura e a pecuária que se delineiam por todo o caminho.



Nos primeiros cem quilômetros há povoamento quase sem descontinuidade, em pequenos *pueblos* que se estendem ao longo da rodovia, ou em casas que muito próximas uma das outras passam a ideia de um habitat rural concentrado típico de áreas de minifúndios. Todo o espaço é marcado por palmeiras altas, aqui e ali convivendo com pinheiros da família araucária. O que mais chama atenção é o número de pequenos comércios que se estendem ao longo da estrada, dando a impressão que eles se dirigem aos que viajam, tanto quanto aos que moram por ali.





Mais adiante dominam as grandes propriedades, algumas delas com casas grandes e bonitas, muitas vezes com uma arquitetura à moda do que se vê na área rural do centro dos Estados Unidos – gramados verdes e perfeitos, janelas grandes e residências com muito cômodos – contrastando com as casinhas pequenas e sempre pintadas de cores fortes do primeiro trecho.

A soja prevalece, nesta segunda parte, e os testemunhos da mecanização estão nas agroindústrias, nas inúmeras revendas de tratores e de carros utilitários, as D20 da vida mais modernas que, quando passam pelo nosso Eco Sport, parecem um avião.

Fico me perguntando quantas destas áreas de cultivos não pertencem a fazendeiros brasileiros que atravessaram a fronteira em busca de terras e mão de obra mais barata (mesmo que pouca, porque a agricultura moderna prescinde das pessoas), desde o começo dos anos de 1980.





Mais um tanto e já chegamos a terras um pouco mais baixas, mais arenosas e onde se vê o gado bovino pastando extensivamente até nos aproximarmos da capital. Nos últimos 50 km, pegamos um trânsito pesado, em que concorriam, por um lugar na pista, muitos carros novos e caros, alguns velhos, motocicletas, utilitários caindo aos pedaços e ônibus pequenos que me fizeram lembrar os da Guatemala e de El Salvador, sobre os quais já escrevi alguma coisa neste ano de 2015, escandalosamente coloridos e cheios de inscrições de todo tipo.

Como se vê, pela amostra, o Paraguai mescla muito bem o moderno e o antigo, muitas vezes claramente expresso como atraso.



Carminha Beltrão

Dezembro de 2015